

A LÓGICA UTILITARISTA NA FORMAÇÃO ACADÊMICA

SCHUBERT, Janete¹

Motivada pela pergunta de um acadêmico que certa ocasião questionou: “*Para que serve a antropologia*” resolvi escrever, na tentativa de responder a esta pergunta, com a qual tantas vezes já me deparei trabalhando com disciplinas da área de ciências sociais.

Talvez o primeiro ponto para iniciar esta reflexão seja a própria idéia de utilidade/utilitarismo, a partir disto caberia a pergunta: quais disciplinas são úteis e sob quais critérios se julga sua utilidade?

Recordei então que à época do ensino médio gostava muito das aulas de filosofia, enquanto a maioria dos colegas de turma dizia: “*Isto não serve para nada*”. Aquelas aulas desprezadas por alguns representavam muito para mim, mudaram minha forma de ver o mundo, encontrava muito sentido nas questões filosóficas e passava entender que muitas questões existencialistas com as quais me debatia, enquanto adolescente, como: Quem sou? De onde venho? Foram tratadas por muitos pensadores através dos séculos. E se pudesse responder aos meus colegas secundaristas, eu diria a filosofia fez com que eu questionasse diversas situações, e talvez motivada por isto sigo agora envolvida com questões sociais, ainda que na lógica utilitarista, isto não sirva para nada.

Estudando ciências sociais na UFRGS tive contato com um livro muito interessante chamado *El hombre primitivo* como filósofo de Paul Radin, este livro (que aborda uma visão antropológica sobre a mentalidade “primitiva” ou “arcaica” e suas múltiplas formas de adentrar em temas filosóficos), nos demonstra que preocupações com as questões filosóficas são constituintes do ser humano.

Voltando a nossa questão, para que serve a antropologia, existe já algum tempo uma corrente nas ciências sociais denominada anti-utilitarista que se contrapõe ao chamado utilitarismo.

Pode-se definir o utilitarismo como o conjunto de visões instrumentais do mundo e dos sujeitos humanos, animados unicamente pela questão “para que serve isso”? Para o anti-utilitarismo, ao contrário, o mundo, a natureza e os outros não são apenas meios, mas também fins (Caillé, 2009²). A partir dos anos 1960-70 os economistas, por causa de Hayek ou de Gary Becker, começaram a pensar que era possível e necessário não limitar o modelo do homo economicus, o homem utilitarista por excelência, à esfera única do mercado, mas de o estender à todas as esferas da ação social: ao crime, ao amor, à religião, à moral, etc..

Desta forma, preocupa bastante quando os alunos perguntam sobre a utilidade das ciências sociais, talvez pudéssemos justamente partir da discussão do utilitarismo e do anti-utilitarismo. E no mínimo temível que nos pautemos pela lógica utilitarista e que em nenhum momento da formação se possa discutir temas que não são considerados por alguns “úteis”. Percebe-se claramente a influência do pensamento utilitarista na formação acadêmica, por isto a necessidade e a importância das discussões trazidas pelo campo das ciências sociais.

¹ Cientista Social e Mestre em Psicologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Professora Assistente na Unicruz. janetes Schubert@yahoo.com.br

² Disponível em <<http://www.jornaldomauss.org/periodico/?p=74>> Acesso em: 07 de out de 2013.